

GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Representações do negro no Modernismo Brasileiro: artes plásticas e música**. Belo Horizonte: Miguilim, 2017, 240 p.



Lucia Santiago

É doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Possui licenciaturas em Educação Artística e Desenho e Plástica pela Universidade Estadual de Minas Gerais. Estilista formada pela Escola de Belas Artes da UFMG. Líder do Grupo de Pesquisa Fios - Processos e Experiências Criativas (<https://grupofios.blogspot.com/>). É pesquisadora do LINHA: grupo de pesquisa sobre o Desenho e a Palavra (<http://linhaalemmar.com/>). Foi Subchefe do Departamento de Desenho da Escola de Belas Artes/UFMG e Subcoordenadora do Curso de Design de Moda da Escola de Belas Artes da UFMG. Professora do Departamento de Desenho com atuação no Curso de Design de Moda da Escola de Belas Artes da UFMG. Contato: lfsantiago@gmail.com

Renato de Souza Porto Gilioli é autor, coautor e organizador de diversos livros. Doutor e mestre em Educação pela Faculdade de Educação (FE-USP), historiador pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), trabalha como professor de “Estética e História da Arte” na Universidade de São Judas Tadeu. De sua autoria, o livro “Representações do negro no Modernismo Brasileiro: artes plásticas e música” apresenta uma abordagem muito importante sobre a representação do negro na cultura brasileira nas primeiras décadas do século XX. A pauta é bastante contemporânea e pela qual ainda há muito a ser feito.

De forma atenta, Gilioli, ao longo de seu livro, aponta as ambiguidades do modernismo brasileiro. Entre elas, o fato de os modernistas buscarem uma certa distância de sua própria cultura ao mesmo tempo que estavam cercados por ela - uma cultura que excluía os negros e os tratava como motivo de ‘atraso’ no desenvolvimento do Brasil. Naquele período, a sociedade brasileira desejava a criação de uma nova nação. Vale ressaltar que o caráter multidisciplinar dos temas abordados no livro, principalmente sobre as artes plásticas e a música, desmistifica a ideia de que o projeto modernista tratava de maneira igualitária as origens da cultura brasileira.

Gilioli, ao abordar a representação do negro no modernismo, considera a maneira de pensar daquela época, na qual, o negro era visto como um “tabu” pela sociedade e até mesmo como curiosidade. O autor ainda mostra ao leitor o pensamento estético de figuras importantes do modernismo brasileiro como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Lasar Segall, Tarsila do Amaral, Menotti del Picchia, Di Cavalcanti, Candido Portinari, Victor Brecheret e Heitor Villa-Lobos. A leitura de “Representações do negro no Modernismo Brasileiro: artes plásticas e música” é um convite para aqueles que se interessam pela cultura brasileira.

Antes do modernismo, o negro era invisível para a sociedade. No decorrer do movimento, os artistas, por muitas vezes, representaram o negro como “exótico” e nos anos de 1930, em obras tardias, acabaram por realizar uma autocrítica. Diante do pensamento tradicional e da cultura brasileira daquele momento, os modernistas abriram caminho, através de modificações relevantes, para as suas práticas artísticas frente às características europeias de uma cultura civilizada. Os artistas introduziram elementos da cultura negra e indígena em suas obras, reforçando a necessidade de englobá-los na cultura brasileira.

A busca pela identidade nacional impulsionou os artistas do movimento. As práticas artísticas, o pensamento estético, cultural, político e ideológico apresentava características comuns que diziam respeito às circunstâncias da época. Além disso, através do modernismo é possível compreender a “noção de brasilidade”, vislumbrar uma maneira diferente de pensar as questões raciais do Brasil e o modo pelo qual a visão sobre o negro foi reelaborada.

O autor defende ser o modernismo mais que um projeto cultural. Tal período (ou movimento) deve ser visto e estudado como um “produto de um pensamento social que vinha se consolidando, em diversas correntes, ao

menos desde o início do período conhecido como Primeira República (1889-1930) no Brasil. Desse modo, portava valores típicos daquela época” (p.15). O momento foi cercado por mudanças, entre elas a busca por novos modos de representação e reorganização da cultura brasileira, devido ao branqueamento da população que ocorreu com a chegada de um número relevante de imigrantes europeus no Brasil. Por trás dessa política de branqueamento da população estava o desejo de “desafricanizar” o Brasil.

A partir desse contexto Gilioli aponta que o modernismo buscou uma representação e uma constituição de um Brasil mestiço através da combinação das raças (brancos, negros e índios) de forma que uma nova identidade surgisse. O livro apresenta também o pensamento do modernista Mário de Andrade, que acreditava ser possível criar uma cultura que unisse todas as culturas existentes no território brasileiro, de modo que essa criação pudesse constituir a paz, a ordem social além de gerar a prosperidade da nação. No entanto, essa convivência entre as culturas estava cercada de tensões. Inclusive, no contexto do modernismo, seus próprios integrantes aceitavam os elementos, vindos de outras tradições, que não fossem ameaçadores, pois tudo era visto com desconfiança, principalmente os elementos da cultura negra.

Durante a leitura dos capítulos do livro de Gilioli, o leitor vai sendo introduzido na complexidade das construções artísticas daquele tempo, tanto no que diz respeito às artes plásticas quanto à música. Aos poucos, vai compreendendo também o enraizamento dos preconceitos raciais no Brasil; a convivência entre culturas e hábitos diversos; as influências dos movimentos da vanguarda europeia como o Cubismo, Surrealismo, Dadaísmo, Expressionismo nas práticas artísticas daquele tempo; as tendências anteriores ao modernismo; a importância da Semana de Arte Moderna de 1922 para a cultura brasileira e para a busca de uma nova estética que pudesse representar o negro; as ambiguidades do modernismo; os padrões acadêmicos que estavam em vigência desde o século XIX; as tradições escravistas; o reconhecimento da cultura negra e operária do início do século XX; o surgimento de uma indústria cultural no Brasil; os mecenas que patrocinaram os artistas nas primeiras décadas do século XX nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro; a busca do nacionalismo; a relevância das artistas Anita Malfatti e Tarsila do Amaral para as artes plásticas e para temática negra no modernismo; como a representação do negro no modernismo recebeu influência da produção africana de maneira indireta através das vanguardas europeias; a substituição de termos como “caboclo”, “mameluco”, “caipira”, “mulato” que diluíam as identidades étnicas; a existência de uma estética da mestiçagem; as causas cívicas, sanitárias e educacionais defendidas pelos intelectuais e artistas; a queda dos cânones artísticos tradicionais e conservadores entre outros. A postura de autocrítica “valoriza ainda mais o esforço desses artistas e intelectuais em remodelar a cultura nacional, mostrando o quanto o movimento foi plural e criativo. Com todas as limitações culturais que a época oferecia, o modernismo abriu novas possibilidades de pensar a brasilidade” (p. 58).

A leitura de “Representações do negro no Modernismo Brasileiro: artes plásticas e música” Renato de Souza Porto Gilioli é instigante, clara e fluida. É um ótimo começo para quem deseja entender um pouco mais sobre a nossa cultura brasileira.